

RUBEM BRAGA

CEBOLA

O prefeito deu, hoje, ao "Correio do Povo" uma entrevista que vale a pena ler. Não é a lenga-lenga geitosa de um jurista. É a palavra firme de um homem defendendo o interesse da cidade. Elle mostra que os actuaes contractos de força e luz, de transportes e de gaz não prejudicam e atormentam apenas o cidadão pobre de Porto Alegre: entravam a propria expansão da cidade.

Eu, para ter gaz em casa, paguei outro dia 200 mil reis de deposito — e mais 15\$300 para um cavalheiro ir lá em casa, mexer numa torneirinha, e dizer que o gaz estava ligado. Móro perto do centro, mas não tão perto que possa ir sempre a pé. Si resolvo tomar um bonde tenho de primeiro achar lugar em um bonde, o que não é proesa facil; e, depois, pagar 300 reis, o que é demais.

Fui morar em um lugar onde o proprietario instalou o banheiro e o fogão a gaz. Não gosto de cebola. Por este e outros motivos gosto de comer comida feita em casa. Mas o contracto da Companhia me prohibe isso, porque, si eu fizer almoço e janta no meu lindo fogãozinho, as minhas dividas no fim do mez terão augmentado demasiado. Cada vez que se abre em minha casa um bico por onde se escapa o gaz mais fedorento do Brasil tenho a desagradavel impressão de que o dinheiro está correndo para fóra de meu bolso. Como dentro do bolso não posuo nenhuma fonte de dinheiro, sou obrigado a comer uma comida ruim e frequentemente acebolada. Diariamente me encontro com um collega de redacção que mora numa casinha no fim da linha Parthenon. Elle em geral está de mau humor, porque para ir para casa precisa de quasi tanta coragem como o almirante Byrd para empتهnder uma expedição ao Polo Sul. Não tem omnibus; não ha omnibus em Porto Alegre. Tem bondes a 300 reis, mas os bondes são tão poucos e tão cheios que é mais facil um rico entrar no reino

dos céus que o meu pobre amigo entrar em bonde, na hora do crepusculo. Ora, elle vem irritado, a roupa amarrotada, os pés cansados por causa do bonde; eu venho triste e abatido, todo acebolado, por causa do gaz. Conversamos.

Em Porto Alegre ha milhares de sujeitos como eu e o meu amigo, que conversam tambem. Si a Companhia tem conhecimento dessas conversas é capaz de se queixar da má vontade do publico. Não é má vontade, pelo menos de minha parte; de minha parte é cebola. Si eu ou meu amigo somos encarregados de fazer uma reportagem ou um commentario sobre o assumpto, a Companhia é capaz de se queixar da má vontade da imprensa. Não, não é má vontade, é mau humor, é sofrimento, é cebola.

Na sua entrevista o prefeito diz que todos soffrem e a cidade tambem. Os industriaes não tem energia para fazer andar suas machinas. São obrigados a comprar motores para esse fim. A energia da empresa não dá: ella precisaria ter mais, no minimo, uns doze mil cavallos. E ser mais barata, para evitar que as industrias emigrem do municipio. Prejudicando a industria, a empreza prejudica o industrial, o trabalhador e o consumidor e — de quebra, as finanças do governo. As machinas compradas pelos industriaes no estrangeiro representam ouro sahindo do paiz. E, para juntar tudo isto, o lucro que á custa de tudo isto a Companhia ganha, vae tambem, na maior parte, para o estrangeiro, porque a Companhia pertence á cadeia de "holdings" da Bond & Share. Talvez qualquer dia eu dê aqui uma rapida explicação sobre essa linda coisa que se chama "holding". Hoje desejo apenas emitir minha humilde voz, e um bafo amaldicoado de cebola, para saudar o prefeito pela sua entrevista corajosa, firme e certa. Salve o prefeito, e morram as cebolas.